

## **O ESPAÇO URBANO: NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS\***

**Roberto Lobato Corrêa\*\***

### **Resumo**

O autor considera o espaço urbano como sendo simultaneamente fragmentado, articulado, reflexo social, condição social, campo simbólico e campo de lutas.

Palavras-Chave: Fragmentado, articulado, reflexo social, condição social, campo simbólico e campo de lutas.

### **Abstract**

#### **Urban Space: Theoretical and Methodological Notes**

Urban space is considered simultaneously as fragmented, articulated, social product, social condition, symbolic field, struggle field.

Key-Words: Fragmented, articulated, social product, social condition, symbolic field, struggle field.

O espaço urbano, visto enquanto objetivação geográfica do estudo da cidade, apresenta, simultaneamente, várias características que interessam ao geógrafo. É fragmentado e articulado, reflexo e condição social, e campo simbólico e de lutas. O espaço urbano pode ser assim submetido a diferentes análises pelos geógrafos, cada uma delas privilegiando uma das características

---

\*Comunicação apresentada à Mesa Redonda "Geografia Urbana: Perspectivas Teórico-Metodológicas", no 2o. Simpósio de Geografia Urbana da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio Claro, SP, 21 a 25 de outubro de 1991.

\*\*Professor do Departamento de Geografia da UFRJ.

acima apontadas sem, contudo, excluir as demais. Evidencia-se a riqueza de abordagens com que o espaço urbano pode ser considerado.

O espaço urbano aparece, no primeiro momento de sua apreensão, como um **espaço fragmentado**, caracterizado pela justaposição de diferentes paisagens e usos da terra. Na grande cidade capitalista estas paisagens e usos originam um rico mosaico urbano constituído pelo núcleo central, a zona periférica do centro, áreas industriais, sub-centros terciários, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo, como as favelas e os condomínios exclusivos, áreas de lazer e, entre outras, aquelas submetidas à especulação visando a futura expansão. O arranjo espacial da fragmentação pode variar mas ela é inevitável.

Essa fragmentação é decorrente da ação dos diversos agentes modeladores que produzem e consomem espaço urbano: proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, proprietários fundiários, promotores imobiliários, Estado e grupos sociais excluídos. A ação desses agentes, que obedece a uma lógica que é simultaneamente própria e geral, produz os diferentes fragmentos que compõem o mosaico urbano.

A fragmentação, entretanto, não se realiza de uma vez para sempre, apesar da forte inércia das formas espaciais fixadas pelo homem. Ao contrário, está sendo sempre refeita. Por derivar da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações sociais de produção e dos conflitos de classe, a ação dos agentes modeladores gera mudanças de conteúdo e/ou das formas das diversas áreas, de modo que novos padrões de fragmentação do espaço urbano emergem, desfazendo total ou parcialmente os antigos, e criando novos padrões no que diz respeito à forma e ao conteúdo.

Os estudos sobre a fragmentação do espaço urbano constituem uma tradição na geografia urbana. Podem ser definidos como estudos sobre o uso da terra. Têm sido realizados preponderantemente de acordo com as abordagens positivista e positivista lógica. Contudo, a fragmentação do espaço urbano é susceptível de ser abordada segundo outras matrizes teórico-metodológicas. Nesse sentido não aceitamos a tese da aderência inevitável entre um dado objeto do mundo real e um dado método de análise e interpretação, apesar da prática que muitas vezes evidencia o contrário. Cada objeto pode ser considerado segundo diferentes abordagens teórico-metodológicas.

Mas o espaço urbano não é apenas fragmentado. É simultaneamente **articulado**. Fragmentação e articulação são características complementares.

Com articulação se quer dizer que cada uma das partes da cidade mantém relações com as demais, ainda que sejam de natureza e intensidade variáveis. Através da articulação o espaço urbano ganha unidade, originando um conjunto articulado cujo foco de articulação tem sido o núcleo central da cidade que, entre outras funções, realiza as de gestão das atividades.

A articulação manifesta-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas. Estão associados às operações de carga e descarga de mercadorias diversas, aos deslocamentos cotidianos entre áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos para compra no centro da cidade ou nas lojas de bairro, às visitas aos parentes e amigos, e às idas ao cinema, culto religioso, praia e parque, entre outros.

A articulação manifesta-se também de modo menos visível. No capitalismo manifesta-se através de relações espaciais envolvendo a circulação de decisões e investimentos de capital, mais-valia, salários, juros, rendas, envolvendo ainda a prática do poder e da ideologia em sua dimensão espacial.

É conveniente frisar que essas relações espaciais são de natureza social, tendo como matriz a própria sociedade de classes e seus processos. São assim capazes de revelar uma faceta da sociedade capitalista que se caracteriza, entre outros aspectos, por uma enorme mobilidade espacial. Por outro lado, ao se desvendar a natureza articulada do espaço urbano, concretiza-se o segundo momento de sua apreensão.

Os estudos sobre articulação no âmbito do espaço urbano dizem respeito a temas como o deslocamento de consumidores, a jornada para o trabalho e as interações inter-industriais, entre outros. Têm sido realizados com um cunho eminentemente funcionalista e, como no caso dos estudos sobre fragmentação do espaço urbano, têm apresentado fortes vinculações com o sistema de planejamento urbano. Contudo, a temática em tela é passível de ser abordada através de outras matrizes teórico-metodológicas.

Ao se constatar que o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, e que esta fragmentação articulada é a expressão espacial de processos sociais, introduz-se o terceiro momento de apreensão do espaço urbano: o de ser um reflexo da sociedade. Assim, o espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais que tendem à segregação, refletindo a complexa estrutura social em classes, própria do capitalismo. A jornada para o trabalho, por outro lado, aparece como consequência da fragmentação capitalista que separou lugar de trabalho de lugar de residência.

É conveniente lembrar, contudo, que o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente, como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais presentes. Nesse sentido o espaço urbano pode ser o reflexo de uma seqüência de formas espaciais que coexistem lado a lado, cada uma sendo originária de um dado momento.

É conveniente também ressaltar dois outros aspectos. Em primeiro lugar o espaço urbano capitalista é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista, refletindo, de um lado, a desigualdade social expressa no acesso desigual aos recursos básicos da vida e, de outro, as diferenças locacionais das diversas atividades que se realizam na cidade. Em segundo lugar, ressalta-se que por ser reflexo social e porque a sociedade apresenta dinamismo, o espaço urbano é também mutável, dispondo de uma mutabilidade que é complexa, com ritmos e natureza diferenciados. Mas é preciso considerar que a cada transformação o espaço urbano se mantém desigual, ainda que as formas espaciais e o arranjo delas tenha sido alterado. Mantém-se, ainda, fragmentado e articulado.

O espaço urbano é também um condicionante social. Este é o quarto momento de sua apreensão. O condicionamento se dá através do papel que as obras fixadas pelo homem, as formas espaciais, desempenham na reprodução das condições de produção e das relações de produção. Assim, a existência de estabelecimentos industriais juntos um dos outros, e realizando entre si vendas de matérias-primas industrialmente fabricadas, constitui-se, pelas vantagens de estarem juntos, em fator que viabiliza a continuidade da produção, isto é, a reprodução das condições de produção. O mesmo papel condicionante de reprodução das atividades terciárias se pode dizer do núcleo central da cidade e dos sub-centros terciários.

As áreas residenciais segregadas, por sua vez, representam papel ponderável no processo de reprodução das relações de produção, no bojo do qual se reproduzem as diversas classes sociais e suas frações. Assim, de um bairro habitado pela elite dirigente espera-se que esteja sendo forjada a próxima geração de dirigentes. O mesmo se espera dos bairros populares das periferias metropolitanas. Os bairros, lugares de residência, são os locais de reprodução dos diversos grupos sociais.

Os lugares de trabalho e lugares de residência, a macro fragmentação e reflexos sociais, assim identificados, passam a ter um papel comum, o de serem foco de reprodução das condições de produção e das relações sociais de produção. Estão, assim, novamente articulados.

Aceitar o fato do espaço urbano ser simultaneamente reflexo e condicionante social já implica na adoção de uma postura crítica, uma postura fundamentada no materialismo histórico e dialético. Aceitar e incorporar esse papel do espaço urbano nos nossos estudos é um passo fundamental para a sua compreensão. É adotar a hipótese básica de Henri Lefébvre sobre a natureza do espaço urbano.

Fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social, o espaço urbano é também o lugar onde os diferentes grupos sociais vivem e se reproduzem. Isso envolve, de um lado, o cotidiano e o futuro. De outro, envolve crenças, valores, mitos, utopias e conflitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte projetados nas formas espaciais: monumentos, lugares sagrados, uma rua especial, uma favela, lugares de lazer, etc. Formas espaciais em relação às quais o homem desenvolve sentimentos, cria laços de afeição ou delas desgota, atribui-lhes a propriedade de proporcionar felicidade ou status, ou associa-as a dor ou pobreza. A fragmentação e a articulação do espaço urbano, seu caráter de reflexo e condição social são vivenciados e valorados das mais diferentes maneiras pelas pessoas. O espaço urbano torna-se, assim, um campo simbólico que tem dimensões e significados variáveis segundo as diferentes classes e grupos étnico, etc. Este é o quinto momento de sua apreensão.

Iniciados com os estudos de percepção espacial, a natureza simbólica do espaço urbano ganha força, renova-se com a geografia humanística que coloca em evidência o significado dos lugares para diferentes indivíduos, como, por exemplo, nos mostra João Baptista Ferreira de Mello em sua tese sobre o espaço carioca decantado pelos compositores da música popular brasileira. Esta é uma via extremamente fértil para pesquisas em geografia urbana, na qual se introduz uma dimensão complementar às das outras abordagens.

Mas o cotidiano e o futuro acham-se enquadrados num contexto de fragmentação do espaço urbano. Fragmentação na qual verificam-se sensíveis diferenças no que diz respeito às condições de existência e reprodução do social.

Fortemente associada aos níveis de renda monetária, a fragmentação do espaço urbano e sua consciência plena desembocam em conflitos sociais como as greves operárias e particularmente os denominados movimentos sociais urbanos. O espaço da cidade é assim, e também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos. O espaço urbano converte-se, assim, em campo de lutas. Este é o sexto momento de sua apreensão.

Os estudos focalizando o espaço urbano como campo de lutas são relativamente recentes na geografia. Como que por definição adotam uma perspectiva eminentemente crítica, fundada no materialismo histórico e dialético. Os movimentos sociais urbanos têm se constituído na via preferencial de estudos sobre o espaço urbano enquanto campo de lutas. Acreditamos, entretanto, que outras manifestações das lutas sociais podem ser geograficamente estudadas, ampliando o temário dos estudos sobre o espaço urbano visto como campo de lutas.

O espaço enquanto objetivação geográfica do estudo da cidade apresenta várias facetas que permitem que seja estudado de modo multivariado. Esta multivariabilidade constitui-se em uma riqueza que foi gestada, de um lado, pela própria realidade e, de outro, pela prática dos geógrafos.

As várias vias de estudo do espaço urbano representam momentos de apreensão de sua natureza. A ordem com que estes momentos se verificam pode, no entanto, variar. Mas quero crer que, de acordo com a história do pensamento geográfico, a seqüência indicada parece ter sido a mais corrente.